



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS VI  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS**

**TAMARA PEREIRA DA SILVA**

**EMPATIA ENTRE PROFESSOR E ALUNO: PRÁTICAS PARA UMA RELAÇÃO DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM**

**MONTEIRO  
2023**

TAMARA PEREIRA DA SILVA

**EMPATIA ENTRE PROFESSOR E ALUNO: PRÁTICAS PARA UMA RELAÇÃO DE  
ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Português.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Orientador (a): Profa. Dalila Gomes da Silva

**MONTEIRO  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S586e Silva, Tamara Pereira da.  
Empatia entre professor e aluno [manuscrito] : práticas para uma relação de ensino-aprendizagem / Tamara Pereira da Silva. - 2023.  
22 p. : il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2023.

"Orientação : Profa. Esp. Dalila Gomes da Silva ,  
Coordenação do Curso de Letras - CCHE. "

1. Formação docente. 2. Afetividade na educação. 3.  
Ensino-aprendizagem. I. Título

21. ed. CDD 372.61

TAMARA PEREIRA DA SILVA

**EMPATIA ENTRE PROFESSOR E ALUNO: PRÁTICAS PARA UMA RELAÇÃO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado à Coordenação do Curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Letras Português.

Área de concentração: Linguística Aplicada.

Aprovado em: 20 / 06 / 2023.

**BANCA EXAMINADORA**



---

Profa. Esp. Dalila Gomes da Silva (orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba



---

Prof. Dr. Rafael Ferreira de Souza Honorato  
Universidade Estadual da Paraíba



---

Prof. Dr. Pedro Felipe Moura de Araújo  
Universidade Estadual da Paraíba

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1 – O estímulo ao cuidado, à atenção e à empatia na escola.....</b>	<b>14</b>
---	-----------

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>2</b>	<b>O COMPONENTE AFETIVO EMPATIA .....</b>	<b>09</b>
<b>2.1</b>	<b>Breve histórico e conceito da empatia .....</b>	<b>09</b>
<b>2.2</b>	<b>Os componentes da empatia .....</b>	<b>11</b>
<b>3</b>	<b>A EMPATIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: AS RELAÇÕES EM SALA DE AULA .....</b>	<b>12</b>
<b>3.1</b>	<b>Práticas do professor para o desenvolvimento de uma sala de aula empática .....</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>18</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>19</b>

## EMPATIA ENTRE PROFESSOR E ALUNO: PRÁTICAS PARA UMA RELAÇÃO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Tamara Pereira da Silva<sup>1</sup>

### RESUMO

A empatia, termo surgido no século XIX, traduz um sentimento diretamente ligado ao altruísmo. Está presente na maioria dos seres humanos e significa a capacidade de um indivíduo sentir pelo outro, colocando-se no seu lugar, levando à compreensão de alguém para com outrem. Na sala de aula, a empatia se faz importante nas relações interpessoais de professores e alunos, influenciando no processo de ensino-aprendizagem, no qual o professor desempenha um papel fundamental em promover um ambiente empático na sala de aula, apesar de não ser o único responsável. Partindo dessas considerações, este trabalho pretende analisar a importância da empatia no ensino-aprendizagem. Para alcançar este objetivo, foi realizada uma pesquisa bibliográfica com base em materiais publicados online, como artigos e livros. Foi possível concluir que, no que tange ao professor, pode-se adotar posturas empáticas na prática docente a fim de incorporar e incentivar os alunos no desenvolvimento da empatia na sala de aula.

**Palavras-Chave:** afetividade na educação; empatia; formação docente.

### ABSTRACT

Empathy, a term that emerged in the 19th century, translates a feeling directly linked to altruism. It is present in most human beings and means the ability of an individual to feel for the other, putting himself in his place, leading to understanding between someone and another. In the classroom, empathy becomes important in the interpersonal relationships of teachers and students, influencing the teaching-learning process, in which the teacher plays a key role in promoting an empathetic environment in the classroom, despite not being the only one responsible. Based on these considerations, this work intends to analyze the importance of empathy in teaching-learning. To achieve this objective, a bibliographical research was carried out based on materials published online, such as articles and books. It was possible to conclude that, with regard to the teacher, empathetic attitudes can be adopted in teaching practice in order to incorporate and encourage students in the development of empathy in the classroom.

**Keywords:** affectivity in education; empathy; teacher training.

---

<sup>1</sup> Graduanda no curso de Licenciatura em Letras Português do Centro de Ciências Humanas e Exatas-CCHE da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB, Campus VI-Monteiro. Contato: tamara.silva@aluno.uepb.edu.br.

## 1 INTRODUÇÃO

O contexto escolar é um ambiente interessante para observar a manifestação das relações interpessoais, pois dele os indivíduos participam desde a infância, o que geram muitas situações vividas e grande diversidade de sentimentos vivenciados neste espaço. Dentre os sentimentos que permeiam o ambiente escolar a autoestima, a motivação e a empatia podem ser facilmente percebidos, pois são sentimentos que podem fazer parte da natureza humana, podendo manifestar-se em diversas situações neste ambiente. No contexto em que esse trabalho se desenvolve, escolhemos a empatia como sentimento de análise por considerar que esta contribui com a convivência harmoniosa dos indivíduos no ambiente escolar.

O termo empatia originou-se no século XIX, mas ganhou novas perspectivas no século XX quando a interdisciplinaridade rodeou o termo a fim de estudá-lo e entendê-lo. Por exemplo, autores como Vygotsky, da corrente histórico-cultural, são críticos a encararmos emoções e sentimentos como algo inato. Apesar de existirem elementos generalizáveis nas experiências e sentimentos humanos, para este autor, faz mais sentido entender estes elementos humanos quando inseridos na dinâmica social, que traz determinantes culturais para estas noções (MIRANDA, 2017).

Nesta percepção, é interessante observar o quanto a empatia está diretamente ligada à natureza humana, podendo gerar dois tipos de reação: a primeira diz respeito a uma ajuda ao próximo, auxiliando o mesmo a lidar com as suas questões, e a segunda diz respeito a ajuda prestada a si mesmo, quando o indivíduo sofre pelo sofrimento do próximo e precisa de ajuda para lidar com a própria dor (MOITOSO; CASAGRANDE, 2017).

Segundo Brolezzi (2014) no ambiente escolar ocorrem relações entre pessoas de realidades distintas e, por isso, há grande necessidade da presença da empatia entre os sujeitos. Considerando estas relações em sala de aula, se o professor adotar uma postura empática para lidar com os alunos, haverá contribuição para o sucesso no processo de ensino-aprendizagem.

Baseado no dito anteriormente, apresentamos a justificativa deste trabalho que se expressa pela importância em compreender a presença da empatia dentro da sala de aula e entender o quanto pode impactar na relação de ensino-aprendizagem,

uma vez que acreditamos que a prática de comportamentos empáticos no cotidiano escolar pode gerar um ambiente de acolhimento e segurança.

Após a realização do meu primeiro estágio de observação e em decorrência do que vivenciei e observei em contexto escolar, pude ver a necessidade de um ambiente empático entre professor e aluno. Diante das observações percebi que os alunos têm realidades e necessidades diferentes, não só escolares, mas também pessoais, fazendo com que o fomento à empatia se torne fundamental nas relações professor e aluno.

Neste trabalho, entendemos que a empatia gera efeitos comprovadamente positivos nas relações de ensino-aprendizagem (RODRIGUES; SILVA, 2012), então, dessa forma, nasceu a seguinte problemática: quais as práticas que o docente pode adotar para a promoção da empatia em sala de aula, contribuindo para um processo de ensino-aprendizagem harmonioso e empático?

Como objetivo geral queremos apontar a empatia como fator afetivo que permeia a relação professor e aluno, e como objetivos específicos estabelecemos: compreender a presença da empatia no contexto educativo e relacionar práticas pedagógicas para criar um ambiente empático na sala de aula.

Na concepção de Justo, Carvalho e Kristensen (2014), a empatia está positivamente ligada com comportamento pró-social do indivíduo, com a aceitação pelos pares, com a saúde mental, com a resolução pacífica de conflitos e com a diminuição do comportamento agressivo. Além disso, Motta *et al.* (2006) apontam três componentes da empatia: o cognitivo, o afetivo e o comportamental. Assim, para fundamentar teoricamente este trabalho, foram utilizados os autores supracitados, além dos estudos de Brolezi (2014), Wagner *et al.* (2019) e Miranda (2017).

Para construir esse trabalho foi realizada uma pesquisa bibliográfica descritiva caracterizada como quantitativa que, segundo Gil (2017), tem como base do texto escrito, materiais já publicados em forma de livros, teses e artigos científicos. O Google Acadêmico foi utilizado como principal ferramenta de busca desses materiais e, para a sua concretização, levamos em consideração os seguintes critérios de inclusão: trabalhos em português que versassem sobre a temática da empatia em sala de aula pertencentes às áreas de Linguística Aplicada e Psicologia, pesquisando a partir das seguintes palavras-chave: empatia, empatia na sala de aula, práticas empáticas.

O presente artigo está dividido em quatro seções organizadas da seguinte forma: no primeiro ponto, o conceito e a história da empatia; a segunda seção trata da influência da empatia no processo de ensino-aprendizagem; e a terceira seção traz sugestões pedagógicas para que o professor estabeleça um ambiente empático na sala de aula. Por fim apresenta-se as considerações finais e as referências.

## **2 O COMPONENTE AFETIVO EMPATIA**

### **2.1 Breve histórico e conceito da empatia**

A princípio, vale apontar para a afirmação de Gadamer (2007, p. 11):

Venho seguindo há muito tempo o princípio metodológico de não empreender nada sem uma prestação de contas histórico-conceitual. É preciso prestar contas de nossa pré-conceitualidade para o nosso filosofar, na medida em que procuramos esclarecer a implicação dos termos conceituais com os quais a filosofia lida.

De acordo com o autor, há uma necessidade de contextualizar o leitor com conceitos e um breve histórico a respeito do tema que será tratado. Neste sentido, é fundamental apresentar a empatia desde o seu surgimento e reconhecimento até que se chegue no âmbito da Educação, quando ela é reconhecida no processo de ensino-aprendizagem, já que sua presença pode influenciar o ambiente escolar e a relação entre professor e aluno.

A palavra “empatia” originou-se no século XIX da palavra alemã *Empfindung*, que significa “sentir dentro”. Inicialmente a palavra era utilizada no contexto da arte, apontando para a estética e para o que causava sentimentos internos. No início do século XX, a palavra começou a ser utilizada para além da experiência estética das obras de arte, fazendo-se presente nas relações interpessoais (ALVES, 2008).

Nascido da estética da arte, o conceito de empatia foi, ao longo do século XX, utilizado para os estudos da Filosofia, da Psicologia, da Educação e da Neurociência. Empatia passou a ser um termo explicativo para a relação entre a imitação interior e a capacidade de compreensão dos outros atribuindo a eles sentimentos, emoções e pensamentos, ligando assim a questão original estética da arte com a Psicologia, a Sociologia e a Neurociência (BROLEZZI, 2014, p. 4).

Dessa maneira, a pauta passou a ganhar diferentes pontos de vista, através das diferentes áreas do conhecimento que a estudaram. Moitoso e Casagrande (2017) explicam que a gênese da empatia está diretamente ligada à natureza humana, e que existem variados estudos que analisam a empatia em crianças e adultos.

Segundo o que Justo, Carvalho e Kristensen (2014) afirmam, não há consenso teórico sobre a definição operacional da empatia e tomam o conceito elaborado pela *American Psychological Association* (2010) para dizer que a empatia é:

Compreender uma pessoa a partir do quadro de referência dela e não do próprio, experimentando de modo vicário os sentimentos, percepções e pensamentos dela. A empatia não envolve em si mesma a motivação para ajudar, embora possa transformar em consideração pelo outro ou sofrimento pessoal, o que pode resultar em ação (JUSTO, CARVALHO E KRISTENSEN, 2014, p. 512).

A empatia, geralmente, está presente nos sujeitos e se revela através do comportamento humano em compreender e processar a ação do outro de forma mais compreensiva, identificando e colaborando com as atividades solicitadas. Batson (1991 *apud* Abreu *et al.* 2017) afirma que quando há a manifestação da empatia, há uma real preocupação para com o outro indivíduo, de maneira a despertar uma necessidade de se sentir junto, ajudar e se mobilizar em favor do próximo.

De acordo com Brolezzi (2014, p. 8), “a empatia é uma resposta afetiva e cognitiva apropriada à situação de outra pessoa e não a própria situação”, de forma que é possível entender o que o próximo está sentindo, e Miranda (2017) complementa que a empatia provoca uma resposta afetiva que impulsiona o ser humano a se colocar no lugar do outro e a compartilhar o mesmo sentimento.

Brolezzi (*op. cit.*) afirma ainda que a maneira como alguém consegue enxergar o outro e se compadece de sua situação e de sua história, fazem com que haja uma essa mobilização em relação a outrem. Por outro lado, Sampaio, Camino e Roazzi (2009), apontam para sentimentos e emoções desconfortáveis que a empatia gera no indivíduo, sempre que ele enxerga outrem em situações de sofrimento, perigo e desvantagem.

Mas como a empatia chegou à área da Educação? De acordo com Brolezzi (2014), ao longo do século passado, a empatia passou a ser difundida nos campos da Filosofia, da Psicologia, da Educação e das Neurociências. Os estudos destas áreas de conhecimento fizeram com que a empatia fosse ressignificada, passando a ser reconhecida como um termo que explica a relação entre a exposição do que se sente e a capacidade que o outro tem de compreender esta explanação, unindo sentimentos, emoções e pensamentos.

## 2.2 Os componentes da empatia

De acordo com a revisão de literatura desenvolvida para este trabalho, foi possível observar três componentes da empatia: o cognitivo, o afetivo e o comportamental (MOTTA *et al.*, 2006).

O componente cognitivo se caracteriza pela capacidade de adotar a perspectiva do outro e tentar compreender seus sentimentos e pensamentos. Já o componente afetivo está relacionado a experimentação de uma preocupação e compaixão em relação ao bem-estar da outra pessoa. Por fim, o componente comportamental trata de, por meio de ações concretas, expressar compreensão e reconhecimento dos sentimentos do outro (MOTTA, *et. al*, 2006). Em concordância, Wagner *et al.* (2019, p. 56) apontam que:

O componente cognitivo refere-se à interpretação e compreensão dos sentimentos e pensamentos do interlocutor; o afetivo, diz respeito a experienciar a emoção da outra pessoa e ter controle sobre ela; e o comportamental, a expressar a compreensão e os sentimentos voltados às dificuldades dos outros.

Assim, observa-se que a empatia, para ser efetiva, tem que tornar-se ação, para que não seja apenas um lugar cômodo das boas intenções. Assim, na presente pesquisa, buscou-se dar enfoque ao componente comportamental da empatia, pois dos três componentes disponíveis na literatura, é o que rege a ação que o professor pode manifestar nas relações dentro da sala de aula, pois a empatia comportamental se caracteriza por uma compreensão racional dos sentimentos da outra pessoa, unida a uma percepção de quais os motivos levaram-na a sentir aquilo, levando a uma ação que objetive amenizar tais sentimentos, provocando o bem-estar do sujeito (MIGUEL *et al.*, 2018).

### 3 A EMPATIA NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM: AS RELAÇÕES EM SALA DE AULA

As relações afetivas presentes no ambiente escolar atuam diretamente sobre os sujeitos e sua influência não pode ser minimizada ou suprimida, pois são integrantes das relações humanas e promovem a qualidade entre sujeitos.

A partir do momento que o sujeito adentra a uma instituição de ensino, inicia-se um processo longo e decisivo em sua vida: a sua formação. Miranda (2017) ressalta que a escola tem um papel fundamental na formação dos discentes, não ocorrendo somente o compartilhamento de conhecimento, mas um grande processo em que o aluno aprende a pensar, analisar e expressar-se, tornando-se um cidadão que participa do seu meio social. Assim, a autora conclui seu pensamento afirmando que: “a escola vem como alicerce e o professor como o mediador desse processo de construção do indivíduo” (op. cit., p. 10). Para Borsa (2007, p. 2), este processo de formação acontece em vários ambientes, mas:

É na escola que se constrói parte da identidade de ser e pertencer ao mundo; nela adquirem-se os modelos de aprendizagem, a aquisição de princípios éticos e morais que permeiam a sociedade; na escola depositam-se expectativas, bem como as dúvidas, inseguranças e perspectivas em relação ao futuro e às suas próprias potencialidades.

Nos últimos tempos as discussões sobre empatia no ambiente escolar vêm ganhando força no cenário pedagógico (RODRIGUES; SILVA, 2012), por este motivo, tratar sobre esse tema é importante por se revelar necessário para as práticas docentes nas relações entre professor e aluno.

Segundo Wallon (1986, *apud* FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER, 2010) o indivíduo é um ser corpóreo concreto devendo ser visto como tal, ou seja, percebido de forma completa em seus domínios cognitivos, afetivos e motores. Essa compreensão amplia não somente às abordagens e metodologias a serem efetivadas, como também orienta o planejamento de melhores práticas e intervenções para o sucesso do ensino-aprendizagem.

Demanda-se dessa face afetiva inerente ao ser humano, uma prática docente que possa dar respostas a estas nuances estando modelada para trabalhar tais aspectos. O repertório de conteúdos curriculares, metodologias e didáticas ao

estarem atentos ao lado afetivo dos alunos e ao desenvolvimento de uma educação socioemocional, concorre para ações mais assertivas e que visem propor uma ação dialógica que abarque tal traço humano (MIRANDA, 2017).

Na relação de ensino-aprendizagem a empatia pode ser analisada sob dois aspectos: 1. Empatia no conhecimento que o professor tem do que o aluno sabe. Nela, aparentemente, o professor é quem tem o dever de ser empático, compreendendo o aluno e seu ponto de vista; 2. Empatia no conhecimento do próprio professor sobre o que ele sabe ou acha que sabe. Traz o foco para o docente, contudo, ele se auto avalia e reconhece a influência do seu ego no processo de compartilhamento do conhecimento. Além disso, o aluno também, de maneira empática, adentra ao pensamento do professor, assimilando o conhecimento, mas também dividindo o próprio (BROLEZZI, 2014).

Assim, é interessante observar a empatia ocorrendo dentro da sala de aula por ambas as partes do processo de ensino-aprendizagem, afinal, este é o resultado de um trabalho mútuo, onde o aluno aprende, mas também oferece aprendizado.

Quando passamos a analisar os documentos oficiais que regem a educação no Brasil, identificamos que na Base Nacional Comum Curricular - BNCC entre as competências gerais da Educação Básica listadas, o fomento da empatia aparece como um dos itens a serem desenvolvidos:

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BRASIL, 2018, p. 10).

É preciso afirmar que a BNCC ainda trata da empatia em sala de aula de maneira superficial, mas destaca-se o seu pioneirismo entre os documentos norteadores da educação brasileira em considerar relevante o exercício desse fator afetivo no ambiente escolar, haja vista os benefícios que ela pode trazer nas relações em sala de aula e no aprendizado dos alunos. Assim como Rodrigues e Silva (2012, p. 71-72) entendemos que:

[...] o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, desde a educação infantil, pode favorecer o estabelecimento de interações interpessoais mais saudáveis na escola, e também nos demais sistemas onde a criança se insere, favorecendo o desenvolvimento de uma trajetória psicossocial mais saudável e voltada para a construção da resiliência. Acredita-se que

iniciativas que busquem a promoção da empatia no contexto escolar podem contribuir para fomentar ações pró-sociais, minimizar a manifestação do comportamento agressivo e a diminuição da violência na escola.

Não se pode ignorar a importância da competência socioemocional e a prática da empatia na escola, uma vez que esta atua positivamente no contexto de ensino-aprendizagem, já que se revela como um comportamento que torna os indivíduos mais humanos e capazes de compreender o que se passa com o seu semelhante. Segundo Motta (2006 *apud* FERNANDES, 2018) a empatia, mesmo sendo intrínseca à natureza humana, deve ser estimulada e cultivada no ambiente escolar assim, a figura 1 apresenta um comparativo entre situações onde a empatia é estimulada e onde este sentimento não é promovido:

**Figura 1 – O estímulo ao cuidado, à atenção e à empatia na escola**

Com EMPATIA	Sem EMPATIA
Saúde mental, ajustamento social, regulação da agressividade e prevenção de transtornos psicológicos	Transtornos psicológicos e sociocognitivos relacionados à agressividade exagerada, como: transtornos disruptivos e <i>bullying</i>
A compaixão e a preocupação com o bem-estar do outro se relacionam com o desenvolvimento moral e a conduta pró-social	Abuso contra pessoas e animais
Redução dos preconceitos e melhor qualidade dos relacionamentos interpessoais	Preconceito social
O exercício da empatia favorece o sucesso acadêmico e a criatividade	Baixa autoestima e depressão

**Fonte:** Fernandes (2018).

Conectar pessoas é a principal função da empatia, uma vez que se conectar com os demais indivíduos dá a possibilidade das pessoas entenderem, aceitarem e respeitarem as diferenças existentes.

A criação de uma cultura positiva na sala de aula é essencial para que o ambiente seja saudável e o aprendizado aconteça de maneira satisfatória. Assim, os alunos conseguirão se entender, aceitar e respeitar mutuamente, construindo

relações positivas e saudáveis (ESTEVAM, 2020). Giancaterino (2007, p. 74) afirma que:

A escola é a segunda casa da criança, então ela deve estar preparada para acolher cada criança que nela ingressa, os professores devem estar atentos a cada sinal, e ter consciência que cada aluno tem suas particularidades e que ele deve lidar com todas, sempre em busca de um bom desempenho para cada criança.

A empatia é uma ferramenta essencial na jornada escolar, pois permite a compreensão de sentimentos e comportamentos dos demais indivíduos. Ela, juntamente com o respeito, ressignificam o aprendizado, deixando de lado o formato de imposição e passando a compreender as necessidades dos alunos em sala de aula para, então, conseguir bons resultados no processo de ensino-aprendizagem.

### **3.1 Práticas do professor para o desenvolvimento de uma sala de aula empática**

Em um ambiente de sala de aula sadio, uma atmosfera empática torna-se um ingrediente indispensável, pois permeia as interações entre professor e alunos. No entanto, vale salientar que, enquanto mediador em sala, cabe ao docente buscar conhecer a realidade do aluno, o estágio de aprendizado em que se encontra, seus potenciais e o que se pode exigir dele.

Na sala de aula o professor pode criar um ambiente de interação, respeito e confiança entre ele e os estudantes, permitindo o compartilhamento de pensamentos e sentimentos, ampliando a consciência emocional através do fomento das competências emocionais como a empatia, dotando seus procedimentos metodológicos e atividades dentro de um equilíbrio afetivo na sala de aula (MIRANDA, 2017).

Uma sala de aula com um clima acolhedor e afetuoso permitirá que o aluno se sinta seguro, interaja com seus colegas e professor, e seja estimulado à participação ativa das propostas didáticas propostas em sala de aula. Se não existir um relacionamento positivo entre o professor e o aluno, pode se instaurar um ambiente de temor, ameaçando o sucesso da aprendizagem e provocando um reflexo negativo na interação com o aluno (SIEGEL, 2015). Rodrigues (1974, p. 174) aponta que:

A aprendizagem escolar depende, basicamente, dos motivos intrínsecos: uma criança aprende melhor e mais depressa quando se sente querida, está segura de si e é tratada como um ser singular (...) se a tarefa escolar atende aos seus impulsos para a exploração e a descoberta, se o professor, além de falar, souber ouvir e se propiciar experiências diversas, a aprendizagem infantil será melhor, mais rápida e mais persistente.

Neste sentido, uma melhor aprendizagem irá depender não somente da forma como o conteúdo é ensinado, mas também da importância que o professor dá ao aluno e às suas vivências, a como o docente vai conduzir sua aula e da relação estabelecida entre ele e o aluno. Assim, Brolezzi (2014, p. 9) afirma que “a empatia acaba sendo mais uma tarefa do professor, ao permitir comunicar aos alunos que eles são realmente compreendidos em suas emoções e sentimentos”.

Como figura integrante no aprendizado, o docente ganha destaque quando o assunto é uma sala de aula empática. Giancaterino (2007) afirma isto apontando que o processo de construção das emoções se inicia na Educação Infantil por parte da figura do professor. Além disso, o autor aponta que os pais e professores podem trabalhar de maneira conjunta, já que ambas as partes constituem os dois ambientes de aprendizado das crianças: instituição familiar e instituição escolar.

Soares *et. al.* (2009) reconhece a importância dos pais, mas afirma que, tendo em vista a vocação da formação profissional da docência, os próprios professores costumam ter habilidades maiores de lidar com o meio social, podendo contribuir para o fomento da empatia na educação. Segundo Miranda (2017, p. 31):

Na medida em que o professor assume a ética e a empatia como parte do processo educativo do educando, ele está garantindo benefícios para sua aprendizagem e seu convívio social, ou seja, benefícios para a sociedade como um todo, isso porque os alunos tornam-se responsáveis, solidários, criativos, sensíveis, autônomos, agindo com respeito, ampliando a formação e o exercício da cidadania, contribuindo na transformação da sociedade.

Desta forma, é possível elencar atitudes, ações e posturas que o professor pode adotar em sala de aula (RODRIGUES; SILVA, 2012; MIRANDO, 2017) a fim de transformá-la em um local saudável para que aconteça, de maneira satisfatória, o processo de ensino-aprendizagem.

1. **Observar os alunos:** um olhar observador do docente, analisando as questões individuais e coletivas que envolvem a sua sala de aula fará toda a diferença,

uma vez que o professor conseguirá perceber e auxiliar a resolução de problemáticas;

2. **Ouvir a turma:** escutar e prestar atenção no ambiente de ensino-aprendizagem é fundamental. No momento em que o docente demonstra interesse no que os seus discentes têm a dizer, ele demonstra que o seu aluno é importante, sendo empático com ele;
3. **Oferecer suporte adequado:** esta atitude pode vir a partir de uma ação concreta de auxílio, como o combate a determinado caso de bullying, por exemplo, mas, também pode vir com a atitude de se colocar à disposição para ouvir o que os seus alunos têm a dizer sobre seus sentimentos;
4. **Incentivar o protagonismo estudantil:** protagonizar o processo de ensino-aprendizagem deve ser comum no cotidiano escolar. Assim, o professor e a instituição de ensino devem incentivá-lo cotidianamente, colocando o aluno no lugar de fala;
5. **Criar um ambiente de acolhimento:** estimular a expressividade de sentimentos, sejam eles positivos ou negativos, é necessário por parte da equipe de ensino, a fim de que o aluno consiga se sentir acolhido onde estuda;
6. **Evitar os julgamentos:** entender o contexto familiar e educacional de cada aluno, faz parte do processo de evitar julgamentos prévios de situações do convívio escolar;
7. **Incentivar a empatia nos alunos para que a pratiquem dentro e fora da sala de aula:** É preciso que todo o ambiente escolar esteja envolvido no ensino e fomento da empatia entre os alunos, a fim de viabilizar boas relações interpessoais e uma aprendizagem significativa.

Miranda (2017) defende e reforça a ideia de que o professor é uma peça fundamental para pregar a empatia em sala e aula, já que o mesmo é uma figura

mediadora de conhecimento no ambiente de aprendizado. É ele que fará com que os alunos consigam trazer o conhecimento do que é a empatia para as suas vidas e aplicá-la ao seu cotidiano.

Agindo desta forma, o docente estará contribuindo direta e positivamente para uma sociedade menos doentia e mais empática, dando a possibilidade das pessoas se colocarem no lugar do outro mas, acima de tudo, conectarem-se com o seu semelhante.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Desde o início da vida em sociedade, a empatia já se faz presente no meio social, no entanto, somente a partir do século XIX ganhou visibilidade passando, ao longo do século XX, a ser reconhecida e discutida por áreas de conhecimento como a Psicologia, a Neurociência e a Educação.

É interessante observar que a empatia evoluiu ao longo dos anos e adentrou, gradativamente, no âmbito educativo, tornando-se necessária na escola, evidenciando a necessidade em exercitá-la.

Analisar a existência da empatia no meio social é um tanto complexo, uma vez que, acima de qualquer coisa, é um sentimento interno que, por vezes, acaba por ser externalizado. Quando este sentimento ganhou um nome e o devido reconhecimento, passou a ser estudado e entendido como uma capacidade do ser humano de sentir pelo outro, colocar-se no lugar do outro.

Na vida em sociedade, a empatia se tornou algo reconhecidamente importante, sendo considerada fundamental nas relações interpessoais. Mas, onde seria o lugar ideal para pregar tal empatia? Os dois principais ambientes de relacionamento interpessoal desde o início da vida são o lar e a escola. Assim, nasceu a necessidade de, em parceria, os pais e os professores ensinarem a empatia aos filhos e aos alunos.

Partindo da ideia de que a empatia está diretamente ligada à natureza humana, é possível observar o quanto ela está presente na vida das pessoas. As crianças precisam ter contato com a empatia desde o início de suas vidas, em que, na escola ou no seio familiar, elas possam não sentir pelo outro, mas sentir junto com o outro e, assim, tornar-se alguém capaz de praticar e propagar a empatia.

Levando em conta os três componentes da empatia, cognitivo, afetivo e comportamental, abordou-se com maior enfoque o componente comportamental por se tratar da capacidade do ser humano tomar uma atitude em relação aos sentimentos manifestos em relação ao outro. Assim, no que tange à capacidade e a vocação profissional do professor, é possível afirmar que este tem maior facilidade de incentivar a prática de uma sala de aula empática por meio de algumas atitudes, como: observar os alunos, ouvir a turma, oferecer suporte adequado, incentivar o protagonismo estudantil, criar um ambiente de acolhimento, evitar os julgamentos, incentivar a empatia nos alunos para que a pratiquem dentro e fora da sala de aula, entre outras atitudes.

Realizando este tipo de ação, o docente estará contribuindo diretamente para um convívio social mais saudável, um ambiente escolar mais promissor e um processo de ensino-aprendizagem satisfatório, além de colaborar para a formação de um indivíduo que saberá se portar positivamente na sociedade. Neste sentido, é fundamental que haja, por parte deste profissional que tem um papel social tão importante, bastante interesse em estimular a empatia e contribuir com seres humanos cada vez melhores.

Contudo, o docente não pode trabalhar sozinho na promoção da empatia, apesar dele ser uma peça fundamental do processo de ensino-aprendizagem. O fato é que o desenvolvimento das competências nos alunos e outros meios que viabilizem a promoção da empatia nas escolas, são fundamentais para auxiliar e dar suporte a este docente.

A instituição de ensino precisa ter esta preocupação de garantir à sua equipe ferramentas que permitam a promoção da empatia, assim programas, encartes, palestras, atividades e, até mesmo, uma orientação ou formação continuada podem servir de orientação a estes docentes no desenvolvimento de práticas empáticas. Oferecendo o suporte necessário a eles, é totalmente possível alcançar os benefícios trazidos pelo reconhecimento da empatia na vida das pessoas.

Concluimos este trabalho seguros de que o objetivo principal de apontar as atitudes que o docente pode adotar para criar um ambiente empático na sala de aula foi alcançado. Por isso, afirma-se que o trabalho contribui para estudos a respeito da empatia no ambiente escolar, servindo também como base para pesquisadores e interessados na temática que é tão atual e necessária à Educação brasileira.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Pedro M. S. Empatia e ser-para-outrem: Husserl e Sartre perante o problema da intersubjectividade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia.**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, ago. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812008000200016](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000200016)>. Acesso em: 16 out. 2022.
- BORSA, Juliane Callegaro. O papel da escola no processo de socialização infantil. **Psicologia.com.pt**, 2007. Disponível em: <[www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf](http://www.psicologia.com.pt/artigos/textos/A0351.pdf)>. Acesso em: 4 jun. 2022.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018.
- \_\_\_\_\_. **Resolução CNE/CP nº 2. 22 de dezembro de 2017**. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.
- BROLEZZI, Antonio Carlos. Empatia na relação aluno/professor/conhecimento. **Encontro: revista de psicologia**. Vol. 17, Nº. 27, Ano 2014. Disponível em: <<https://www.ime.usp.br/~brolezzi/publicacoes/empatia.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2022.
- ESTEVAM, Paloma. **A contribuição da empatia na educação para o ensino e a aprendizagem**. Blog Rubeus, 2020. Disponível em: <<https://rubeus.com.br/blog/empatia-na-educacao/>>. Acesso em: 2 jul. 2022.
- FALCONE, E. M. O. A avaliação de um programa de treinamento da empatia com universitários. **Revista brasileira de terapia comportamental e cognitiva**, v. 1, n. 1, p. 23-32, 1999. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-55451999000100003](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55451999000100003)>. Acesso em: 2 jul. 2022.
- FERNANDES, F. **O estímulo ao cuidado, à atenção e à empatia na escola**. I SEMANA DE EDUCAÇÃO SOCIOEMOCIONAL (I SESEM), 2018. Disponível em: <<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/14309-o-est%C3%ADmulo-ao-cuidado,-%C3%A0-aten%C3%A7%C3%A3o-e-%C3%A0-empatia-na-escola>> Acesso em: 24 out. 2022.
- FERREIRA, Aurino Lima; ACIOLY-RÉGNIER, Nadja Maria. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. Em: **Dossiê Cognição, Afetividade e Educação**, vol. 36, 2010. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/9jbsbrcX4GygcRr3BDF98GL/?lang=pt>> Acesso em: 16 out. 2022.
- GADAMER, Hans-Georg. **Hermenêutica em retrospectiva: a virada hermenêutica**. Petrópolis: Vozes, 2007, v. 2.

GIANCATERINO, R. **Escola, professor, aluno: os participantes do processo educacional**. São Paulo: Madras, 2007.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

JUSTO, Alice R.; CARVALHO, Janaína C. Núñez; KRISTENSEN, Christian H. Desenvolvimento da empatia em crianças: a influência dos estilos parentais. **Psicologia, Saúde & Doenças**, Lisboa, v. 15, n. 2, p. 510-523, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1645-00862014000200014&lang=pt](http://www.scielo.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1645-00862014000200014&lang=pt)>. Acesso em: 10 out. 2022.

MIRANDA, Verena dos Santos. **Ética e empatia como fatores importantes para a formação de crianças no ensino fundamental**. 2017, 35 fls. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Pará, 2017. Disponível em: [https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/452/1/TCC\\_EticaEmpatiaFatores.pdf](https://bdm.ufpa.br:8443/jspui/bitstream/prefix/452/1/TCC_EticaEmpatiaFatores.pdf) Acesso em: 16 out. 2022.

MOITOSO, Gisele Schmidt. CASAGRANDE, Cledes Antonio. **A gênese e o desenvolvimento da empatia: fatores formativos implicados**. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/poescrito/article/view/28515/16462>> Acesso em: 2 nov. 2022.

MOTTA, Danielle da Cunha *et al.* Práticas educativas positivas favorecem o desenvolvimento da empatia em crianças. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 3, p. 523-532, set./dez. 2006. Disponível em: <[https://www.scielo.br/j/pe/a/jKWsWFRnXHVy3bbThMbx8Kd/?lang=pt#:~:text=Estes%20resultados%20confirmam%20estudos%20anteriores,\(Cotton%2C%20s.d.%3B%20Krevans%20%26](https://www.scielo.br/j/pe/a/jKWsWFRnXHVy3bbThMbx8Kd/?lang=pt#:~:text=Estes%20resultados%20confirmam%20estudos%20anteriores,(Cotton%2C%20s.d.%3B%20Krevans%20%26)> Acesso em: 16 out. 2022.

PAVARINO, Michelle Girade; DEL PRETTE, Almir; DEL PRETTE, Zilda A. P. O desenvolvimento da empatia como prevenção da agressividade na infância. **Psico**, Porto Alegre, PUCRS, v. 36, n. 2, p. 127-134, 2005. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/1382>>. Acesso em: 2 nov. 2022.

RODRIGUES, Marlene. **Psicologia educacional: uma crônica do desenvolvimento humano**. São Paulo: Mc Graw-Hill do Brasil, 1974.

RODRIGUES, Marisa Cosenza; SILVA, Renata de Lourdes Miguel. Avaliação de um programa de promoção da empatia implementado na educação infantil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 59-75, 2012. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-4281201200010004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-4281201200010004&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 2 nov. 2022.

SAMPAIO, Leonardo Rodrigues; CAMINO, Cleonice Pereira dos Santos; ROAZZI, Antonio. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Psicologia, Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2., p. 212-227, 2009. Disponível em:

<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-9893200900020002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-9893200900020002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)> Acesso em: 16 out. 2022.

SIEGEL, Daniel J. **O cérebro da criança: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar.** São Paulo: Versos, 2015.

SOARES, Ariana B. *et al.* **A profissão docente é uma atividade eminentemente habilidosa?** Anais II Seminário Internacional de Habilidades Sociais. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faperj, 2009. Disponível em: <[http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/ANAIS\\_II-SIHS2009.pdf](http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/ANAIS_II-SIHS2009.pdf)> Acesso em: 16 out. 2022.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, ao Senhor Deus e à minha mãe, Nossa Senhora da Conceição.

Ao meu pai, Gilvando Bezerra da Silva, e à minha mãe, Maria das Neves Pereira da Silva, que foram pessoas que “deram o sangue” pela minha permanência na Universidade.

Às minhas irmãs, Derbora, Albiege e Geovana.

Às minhas sobrinhas, Renata, Bárbara e Maria Izabel.

Ao meu cunhado, Renato.

À todos os meus amigos que, direta ou indiretamente, ajudaram-me a chegar até aqui.

À minha orientadora, que me auxiliou em todo o processo de pesquisa e escrita deste trabalho.